

(R)EXISTÊNCIAS DAS AMIZADES NAS EXPERIÊNCIAS NÃO MONOGÂMICAS

Andressa Almada Marinho Pontes

Esta pesquisa de doutorado em Psicologia na Universidade Federal de Sergipe (PPGPSI/UFS)¹ vem da inquietação sobre a compreensão e as (r)existências das amizades num contexto e construção da sociedade neoliberal capitalista. Foram muitos caminhos que me trouxeram para esta pesquisa em que hoje me debruço com ponderações e problematizações, análises e contextualizações sobre as relações de amizade entre as pessoas que discutem e experimentam a Não Monogamia.

Venho fazer essa interlocução entre o que se compreende sobre a amizade, a partir da visão do autor Francisco Ortega sobre a amizade sob a semântica familialista e o que compreende a constituição na Monogamia, em especial a partir da autora Geni Nunez. Ortega traz sua crítica sobre uma forma de amizade hegemônica associada à intimidade e que se sustenta na necessidade de familiaridade entre os amigos. Neste formato de amizade, o amigo “ideal” é considerado como um irmão ou parente, o que supostamente limita esta relação com quem seja diferente de si ou não seja próximo, visto que se mostra mais confortável estar na companhia de quem é conhecido do quem é diferente, pois este além disso é considerado perigoso e ameaçador.

Para Livia Godinho (2008), os discursos de amizade vinculados aos ideais de igualdade-fraternidade vêm desde a Grécia Antiga, ao vincular a amizade a parentesco e proximidade, sendo importante salientar o quanto as relações de amizade fraternais se davam entre homens e não heterossexuais e femininas. Esta lógica fraterna de amizade continua com formação de numa nova cultura urbana capitalista, o qual tem na família triunfante no século XIX a constituição de uma força normalizadora da subjetividade, um refúgio ao que é estranho na sociedade e na esfera pública. As relações de amizade, no contexto ocidental e capitalista do individualismo, são sentidas com medo e desconfiança e essa semântica que significa o amigo como íntimo circunscreve a amizade num universo familiar, conhecido e habitual. Esses sentimentos de medo e desconfiança do diferente, aliado ao conforto de apenas se aproximar de quem seja similar ou confiável, traz de um lado o alento da segurança, mas a produção de guetos ou panelinhas, inviabilizando o contato com a diversidade.

¹ Esta pesquisa é financiada pelo órgão de fomento CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior.

Creio ser importante o movimento de incentivar na amizade um caráter transgressor que possibilitaria também a criação de novas formas de se relacionar, assim como afirma Pelizzaro (2015), a partir do ponto de vista de Foucault sobre a amizade, esta possibilitaria relações mais livres, sem definição e sempre se construindo, pautadas no cuidado de si e no encontro com o outro, com isso, uma via alternativa aos processos de universalização, individualização e massificação dos sujeitos devido ao seu teor de imprevisibilidade. Na ética do cuidado de si Foucault acredita que quanto melhor o sujeito cuidar de si, mais autônomo e seguro a pessoa será para assim afirmar o que quer e como quer suas relações afetivas. Torna-se inclusive, de acordo com Naldinho (2011) como esse modo de exercer e experimentar a amizade, uma forma de combate para construir ao modo de vida não fascista, com a construção de uma subjetividade mais desconstruída dos agenciamentos coletivos de enunciação, compostos por fatores extraindividuais como sistemas sociais, econômicos, científicos, religiosos, etc. A experimentação política da amizade descolada a semântica familialista é uma potente arma a favor dos processos de singularização dos indivíduos.

Similar a essa visão, observa-se as críticas às questões da monogamia, em que Geni Nunez, bem como outros autores, que trazem a visão monogâmica nas relações ditas amorosas e românticas enquanto uma estrutura articulada ao modo de produção capitalista que mercantiliza nossas relações, violenta corpos e enfraquece a vida social coletiva. A autora em seu livro “Decolonizando afetos: experimentação sobre outras formas de amar”, explica que processo de catequização das missões jesuíticas, junto ao projeto civilizatório na colonização do Brasil, utilizou de discursos pautados numa ideologia da monocultura da fé ou monoteísmo cristão, em nome do bem, do amor e da família, para convencer que os afetos devem seguir uma hierarquia, uma exclusividade e um controle.

O processo de valorização da monogamia na sociedade ocidental capitalista acaba por privilegiar uma relação afetivo-sexual pautada na exclusividade. Isso começa a se formar na transição para as sociedades de classes e exploração, que surge a família monogâmica, onde as atividades de cuidado antes coletiva passa a ser privada e direciona a mulher (JUNIOR; MIRANDA, 2022). A lógica monogâmica faz crer, em especial, nas relações afetivo-sexuais, que estas devem ser únicas, exclusivas, duradouras, mantidas apesar do sacrifício e perpetuação do machismo embutido.

Existe, nesse sentido, a visão de que mulheres são socializadas e orientadas a aceitar sua condição de subserviência aos homens, de procriadoras e cuidadores dos lares

de suas famílias nucleares heteronormativas. Essa colonização associada ao cristianismo trouxe noções de remorso, culpa, vergonha e punitivismo a tudo que fosse diferente do modelo cristão hetero cis monogâmico, ou seja, as violências contra as mulheres e a demais corpos dissidentes. Há nesse processo o enaltecimento dos laços reprodutivos, defendida inclusive no âmbito jurídico por leis brasileiras, privilegiando a família monogâmica e heterossexual, bem como as relações de consaguinidade, em detrimento das amizades.

Percebe-se que esta lógica afetiva de se relacionar persiste como o modo hegemônico em nossa sociedade capitalista ocidental, fazendo com que se desconsidere muitas vezes a importância das demais relações, entre elas, a da amizade (NUNEZ, 2023). E eis que a autora Geni faz a seguinte pergunta: “Se alguém é livre para amar amigos, mas enfrenta uma série de limites quanto ao modo como esse amor poderá ou não se manifestar, realmente há liberdade para a construção de vínculos?” (NUNEZ, 2023, pg. 79). O movimento da Não Monogamia Política busca desmistificar a hierarquia nas relações, de uns afetos sobre os outros, que tem na presença do vínculo sexual e/ou romântico uma centralidade em detrimento às demais relações de afeto, como a amizade.

Diante desse contexto, as experiências da Não Monogamia se caracterizam como um movimento de novas éticas nas relações afetivas, seja afetivo-sexuais românticas, sejam familiares e na amizade. Pensar a não monogamia não significa apenas propor a multiplicidade de vínculos afetivos, mas questionar um modelo de mundo que organiza relações em torno da propriedade e da exclusividade. O desafio não é “ter várias relações”, mas desconstruir o paradigma monogâmico que estrutura a vida social e afetiva, experimentando novas possibilidades de vínculo que não se baseiem na lógica da posse e da hierarquia.

Para esta pesquisa que estou desenvolvendo, utilizo-me no processo metodológico desta pesquisa como um corpo-experiência fazendo uso da Cartografia e a Autoetnografia. A Cartografia chega como alternativa para captar processos, considerada antes uma ética, assim como afirma Costa (2020), a partir das concepções de Deleuze e Guatarri, enquanto uma prática investigativa que se ocupa mais com o movimento ético de porosidade e composição com o campo, com a experiência. Trata-se de compreender e problematizar sobre essas relações afetivas, através do acompanhamento de movimento e discursos das experiências das pessoas não monogâmicas, perceber as mudanças e condições das relações de amizade de pessoas que experimentam e afirmam fazer parte do movimento político da Não Monogamia. Cartografia, então, se mostra enquanto um

método de pesquisa-intervenção me auxilia ao afirmar que não há regras já prontas, nem objetivos previamente estabelecidos. Intervenção requer implicação o qual desestabiliza os polos estáveis de sujeito e objeto, uma vez que durante a pesquisa existe uma transformação mútua.

Na investigação através do método cartográfico existe um rastreamento e acompanhando mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo que o espaço demanda. Ao acompanhar processos, o método cartográfico se propõe captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e afetos, o que remete a uma política de escrita que não está desvinculada da própria política da pesquisa. Nesse sentido, a escrita sobre a pesquisa não é o mero registro de informações, mas falar da pesquisa sem receios de mencionar a experiência pessoal, não se colocar de fora. Para isso pretendo fazer uso de diário de campo ou diário de bordo para descrever o processo desse acompanhamento de buscas, andanças e encontros diversos.

Observa-se, então, que a pesquisa cartográfica possibilita no acompanhamento de processos de uma pesquisa de campo compartilhando o caminhar da pesquisa o qual requer a habitação de um território, no caso aqui, o meu corpo que experimenta a Não Monogamia, bem como os corpos que comigo experimentam (BARROS; KASTRUP, 2009). Busco compreender o que é e como ocorre o movimento político da Não monogamia vinculado a relação afetiva da amizade a partir de textos, perfis de Instagram, podcasts, blogs, grupos de whatsapp sobre Não Monogamia, bem como palestras e eventos.

Esse movimento de observação e problematização na cartografia se associa a Autoetnografia, em que realizo narrativas em diário de campo que trará meus relatos de incômodos, dúvidas, situações sejam minhas ou de pessoas que entrei em contato e que façam parte do universo das amizades atreladas a Não Monogamia, descrevendo os processos e movimentos, os atravessamentos e intensidades. Os encontros com discursos e vivências nas minhas andanças pessoais, tanto presenciais como virtuais, do que observo e com quem interajo nas redes sociais sobre o tema da Não Monogamia, me fazem problematizar as relações afetivas, seja no âmbito sexual ou não, para problematizar a qualidade das relações da amizade no cotidiano de quem busca um olhar mais ampliado sobre afetividade.

Trata-se então de uma aposta desta pesquisa que se iniciou neste ano de 2025, e ainda está em percurso, está longe de qualquer conclusão. A caminhada só está começando, acontecendo e tecendo suas redes, ainda incertas, dispostas a criar diálogos

em vista de formas de viver menos violentas, mais coletivas. Quero compreender quanto dos modos de se relacionar na amizade envolve a construção das subjetividades na sociedade capitalista, o qual abre margem para uma produção de vida e relações afetivas. A subjetividade remete a territórios existenciais, e os modos de subjetivação se refere à força das transformações possíveis, à abertura a outras formas de ser, que inclusive existe nas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, L. B. *A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa*. Paralelo 31, 2(15), 10, 2020.
- GOMES, Livia Godinho Nery; SILVA JUNIOR, Nelson da. *Implicações políticas da semântica familialista nos discursos de amizade contemporâneos*. Psicologia em estudo, Maringá, v. 13, n. 2, jun. 2008, vol. 13, nº. 2, p. 267-275.
- KASTRUP, V.; BARROS, L. P. *Cartografar é acompanhar processos*. In: Virgínia Kastrup; Eduardo Passos; Liliana da Escóssia. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009, v. 1, p.52-75.
- LIMA JR, N. S. *Os porquês da Não monogamia Política*. NM em Foco. 2023. Disponível em: <https://naomonoemfoco.com.br/os-porques-da-nao-monogamia-politica/>. Acesso em: 23 nov 2024.
- LIMA JR, N. S.; MIRANDA, R. *Não-Monogamia Política: por um projeto coletivo e emancipatório*. In: DERMARCH VILLALÓN, C. E.; SILVA, V. F.; VERLARD, M. (org.). *Em movimento: memórias, experiências e performances coletivas*. São Paulo: Edições EACH, 2022. 1 e-book. DOI 10.11606/978688503096.
- MIRANDA, Camila Fontenele de. *A autoetnografia como prática contra-hegemônica*. Teoria e Cultura, v. 17, n. 3, p. 70-78, 2022.
- NALDINHO, T.C. *Amizade, em Foucault, e vida não fascista, em Deleuze e Guatarri: modos de vida a favor da diferença*. In: JÚNIOR, H.R.C (org); LEMOS, F.C.S (org). *Foucault, Deleuze e Guatarri: Corpos, Instituições e Subjetividades*. São Paulo: Annblume; Fapesp, 2011.
- NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- PASSOS, E., BARROS, R. B.. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA Liliana de (Orgs). *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.
- PELLIZZARO, Nilmar. *A amizade na perspectiva de M. Foucault*. Argumentos Revista de Filosofia, Fortaleza, ano 7, n. 14, p. 113-126, jul./dez. 2015.
- ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PONTES, Andressa Almada Marinho; LOPES, Kleber Jean Matos. *Experiências de amizade: a lógica familialista como semelhança e o espaço público como diferença*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe. 2009.